

## DIÁLOGOS CULTURAIS LATINO-AMERICANOS NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

*Gabriela Pellegrino Soares\**

### **Resumo**

Este artigo lança luz sobre canais de circulação cultural abertos entre países latino-americanos por meio de sociabilidades cultivadas por determinados escritores, de colaborações institucionais e de empreendimentos editoriais. Os diálogos estabelecidos expressavam esforços de aproximação e de intercâmbio de conhecimentos entre países latino-americanos, que ganharam espaço na primeira metade do século XX.

### **Palavras-chave**

Circulação cultural; América Latina; escritores; educação; mercado editorial.

### **Abstract**

*This article sheds light on some paths of cultural circulation among Latin-American countries, which were established by social contacts developed between certain writers, by institutional cooperation and by editorial initiatives. These cultural dialogues expressed the efforts of integration and knowledge exchange that took place in Latin America in the first half of the XXth Century.*

### **Key-words**

*Cultural circulation; Latin America; writers; education; publishing market.*

## Introdução

Se nas décadas que se seguiram às emancipações latino-americanas prevaleceram as leituras detratoras das realidades locais – expressões da “barbárie” em face do modelo de “civilização” europeu –, o final do século XIX viu surgirem novos olhares acerca das sociedades aqui enraizadas. As novas atitudes nutriam-se do rechaço à intervenção norte-americana na Guerra Hispano-Americana (1895-1898) e do impacto da imigração europeia sobre, em especial, as cidades da bacia do Prata.

Foram talhadas por, entre outros, José Martí, poeta, ensaísta e combatente cubano, autor de textos que clamavam por ações afirmativas da “Nossa América” – indígena e mestiça – ante o prepotente vizinho do Norte. Poucos anos mais tarde, por José Enrique Rodó, autor da conhecida obra *Ariel*, a qual celebrava os elevados e desinteressados ideais culturais latino-americanos – herança das civilizações clássicas – em oposição ao pragmatismo e ao utilitarismo que imperavam no mundo anglo-saxão.

Além disso, na passagem do século XIX ao XX, verificou-se um estreitamento das relações culturais entre a América Hispânica e sua antiga metrópole, impulsionado pelo golpe final que o Império transatlântico recebera em 1898. De acordo com Susana Zanetti, em “Modernidad y religación: una perspectiva continental (1880-1916)”, já o IV Centenário da Descoberta da América fora marcado por uma série de iniciativas que visavam “quebrar a desinformação sobre a Hispanoamérica”. Diversos escritores originários das ex-colônias participaram das comemorações. A Real Academia Española encomendou a Menendez y Pelayo uma *Antología de poetas hispanoamericanos*, editada entre 1893 e 1895, ao mesmo tempo em que, no âmbito literário, o mútuo conhecimento era ativado por meio dos contatos pessoais, das correspondências e da troca de colaborações na imprensa americana e peninsular. No entanto, esclareceu Zanetti,

[...] foi sobretudo com o modernismo na Espanha, com uma posição independente e sustentada por um grupo suficientemente numeroso, que começaram a se traçar relações de “interinfluência” literária de significativa proporção. (...) Por volta de 1900 o triunfo é um fato e os escritores hispano-americanos alcançam um peso e uma difusão no campo literário espanhol totalmente novos. (...)

A renovação do discurso poético realizada pelo modernismo (...) encontrou na reimersão no passado político hispano, a partir de um projeto próprio, hispanoamericano, uma de suas fontes mais importantes. (...).<sup>1</sup>

Assim, por exemplo, a poesia de Miguel de Unamuno e Antonio Machado – membros da chamada Geração de 1898 na Espanha – incorporou a marca da produção de José Martí e Rubén Darío.

Na perspectiva das ex-colônias, a tarefa modernista, “assumida em comum e entendida como ‘a formação definitiva de uma literatura genuinamente americana’, a realização plena do monroísmo literário” – como propôs o escritor peruano Amado Nervo em carta a seu compatriota Ricardo Palma – ia acompanhada de uma reflexão de envergadura semelhante no plano do pensamento. Intelectuais com a mesma perspectiva totalizadora, mencionados já muitas vezes – Martí, Rodó (...) Alfonso Reyes – expressavam a convicção de estar criando não só uma literatura, mas uma consciência mesmo do continente.<sup>2</sup>

O escritor argentino Manuel Ugarte (1878-1951), mais tarde embaixador de seu país no México, foi parte desse movimento. Afirmou a respeito de sua geração:

[...] ao nos instalarmos em Madri (ponto de partida) e Paris (ambiente espanhol) descobrimos duas verdades. Primeira, que nossa produção se enlaçava em uma só literatura. Segunda que, individualmente, pertencíamos à Iberoamérica a partir da Europa, de forma panorâmica.<sup>3</sup>

Com efeito, ao longo da primeira metade do século XX, é possível ver nascer, em diferentes movimentos, a percepção de que a América – Espanhola, para uns, para outros Latina, ao envolver o Brasil – estava apta a desenvolver seus próprios “meridianos intelectuais”, podendo as nações que a integravam buscar inspiração e referência umas nas outras, e não apenas no Velho Mundo, cujo modelo foi por muito tempo tomado como única possibilidade de superação da “barbárie” local.<sup>4</sup>

Em lugar do olhar detratador, a nova percepção sugeria representações afirmativas sobre as sociedades latino-americanas e aguçava o desejo de conhecimento mútuo. Pois, ao lado das aspirações identitárias, os países vizinhos passavam, em certos contextos, a figurar como referências de desenvolvimento e concepções de modernidade que iam ao encontro das premências nacionais. Ao mesmo tempo, apresentavam-se como potenciais mercados de bens culturais a serem explorados.

Este artigo pretende lançar luz sobre alguns dos movimentos de aproximação e de troca realizados por personagens proeminentes do universo literário e educacional latino-americano das primeiras décadas do século XX. Nas reconstruções historiográficas do passado, esses movimentos costumam ficar à sombra de canais de intercâmbio mais robustos, como aqueles estabelecidos com a França.

Uma exceção a esses silêncios das pesquisas acadêmicas são as recentes pesquisas sobre as vanguardas literárias dos anos 1920, que articularam escritores de diferentes países latino-americanos.<sup>5</sup> O foco aqui recairá, todavia, sobre figuras que não estiveram diretamente ligadas aos movimentos de vanguarda e que conciliaram, em sua trajetó-

ria, o labor literário com a participação em políticas educacionais e bibliotecárias ou em empreendimentos editoriais. Ou seja, figuras interessadas em circulações culturais que ultrapassavam os debates e intercâmbios estéticos.

*Gabriela Mistral: educação, literatura e diplomacia nas Américas*

Nascida no Chile em 1889, Gabriela Mistral trabalhou por quase duas décadas no sistema de ensino público chileno. Nos anos 1920, a convite de José Vasconcelos, participou das reformas educacionais e das campanhas para a fundação de bibliotecas populares então promovidas no México, onde viu nascer o modelo de escola que alentava – escolas rurais, como as que, acreditava a poetisa, León Tolstói havia criado na Rússia, e Rabindranath Tagore na Índia.<sup>6</sup> Nos anos 1930, iniciou carreira diplomática, que a levou como cônsul do Chile a diversos países europeus e, mais tarde, aos Estados Unidos e ao México, com passagem pelo Brasil, na primeira metade dos anos 1940.

Em 1922, sob os auspícios do Instituto de las Españas da Universidade de Columbia, em Nova York, publicou *Desolación*, obra poética e pedagógica, lida em tantas escolas hispanoamericanas, expressão de uma trajetória pessoal sofrida. Em 1924, lançou *Ternura*, reunião de poemas que buscava ambientar as crianças no mundo, falando-lhes da terra, da harmonia do universo, da presença de Deus e, por meio de *canciones de cuna*, do amor maternal. Explorava com sensibilidade formal a riqueza das coisas elementares, primárias. Valorizava a literatura para crianças, contra as percepções depreciativas que, na época, cercavam essa produção.

Comprometida com os problemas da infância em múltiplos âmbitos, apresentou, em janeiro de 1928, na I Convenção Internacional de Professores, em Buenos Aires, sua declaração dos “Derechos del Niño”. Anos antes, em discurso dirigido a mães durante o “Congreso Mexicano del Niño”, instigava:

Não deixar de pedir para a criança a escola com sol, o livro, as imagens dos contos, nem cessar de dizer “não” a tudo o que desfigura a sua alma e a violenta. Lutará por terminar com a categoria absurda do filho ilegítimo e impedir que o pequeno seja arrojado prematuramente às chaminés das fábricas.<sup>7</sup>

Em 1938, a poetisa dedicou a renda das vendas sul-americanas de *Tala* – obra publicada naquele ano por Sur, empresa editorial dirigida, em Buenos Aires, por sua amiga Victoria Ocampo – a instituições que abrigavam crianças refugiadas da Guerra Civil Espanhola, assim como, posteriormente, em testamento, deixaria parte de sua herança às crianças de sua região natal, Elki.<sup>8</sup>

Gabriela Mistral foi uma figura referencial no mundo literário e educacional argen-

tino da primeira metade do século XX. Em dezembro de 1919, confidenciou em carta a um amigo, que Constancio C. Vigil, diretor em Buenos Aires das revistas *Atlántida*, *El Gráfico* e *Billiken*, havia lhe oferecido a direção desta última. Mistral, contudo, comprometeu-se apenas a colaborar, do Chile, com *Billiken*.<sup>9</sup>

A *Revista de Educación, Publicación Oficial de la Dirección General de Escuelas de la Provincia de Buenos Aires*, publicou, a partir dos anos 1920, diversos artigos de Mistral, assim como menções à biografia e à obra da escritora. Em “Biblioteca y Escuela”, publicado pela revista em 1946, a educadora contrastava o modelo norte-americano ao histórico descaso sul-americano para com a difusão das letras, exceção feita apenas às realizações de Sarmiento e Vasconcelos:

O povo americano que nos hospeda, há pouco de nascer, entendeu que Biblioteca e Escola são sinônimos, e além disso que o corpo da cultura popular não pode trabalhar como um manco (...). Os Estados Unidos nasceram lendo (...). Eles trabalham sobre o âmbito livreiro com um critério de grande abastecimento, de inundação de gêneros (...)

Dói-me confessar a norma oposta com que se trabalhou no Sul.

Digo, pois, que a maior parte da América do Sul acometeu a empresa bibliotecária de uma maneira que chamaríamos de suntuosa ou aristocrática, ou melhor, urbanista. Buscou-se servir as cidades como os núcleos vitais do país. O estilo foi muito ibérico (...). Ao chegar à era da república, não se corrigiu a fórmula, alargando aquele sistema de bebedouro único, como se a sede de ler que ardia no povo emancipado não obrigasse a sulcar o território inteiro de bibliotecas...

Duas claras exceções há que se fazer nessa carestia insensata: Sarmiento, o queimador de uma centena de barbáries, que havia sido criado na fome do livro fino, quando chegou à presidência de seu país fez voar a biblioteca pública aos quatro cantos da Argentina. Muito mais tarde, o ministro Vasconcelos, indo ainda mais longe, e fazendo de cada professor rural um bibliotecário, colocou a sala de leitura em cada escola.<sup>10</sup>

Apesar de indigenista e admiradora das tradições culturais populares, Mistral valia-se da imagem forjada por Sarmiento, que definia a difusão da leitura como uma luta contra a barbárie. Em lugar da civilização liberal e laica vislumbrada pelo reverenciado presidente, entretanto, defendia uma civilização ilustrada e cristã. Em artigo de 1926, ao elogiar a iniciativa do Consejo Nacional de Mujeres de Buenos Aires, de instituir “madrinhas da leitura” – mulheres de fazendeiros, jornalistas ou professoras de Escolas Normais que proveriam livros às professoras rurais –, Gabriela Mistral ponderou: “é necessário civilizar, cristianizar o campo. *Siquiera desbarbarizarlo*”.<sup>11</sup>

A trajetória literária e educacional de Gabriela Mistral chamou a atenção de intelectuais brasileiros. Quando, em 1937, a poetisa chilena visitou São Paulo, Cecília Meireles escreveu a Mário de Andrade, na época Diretor do Departamento de Cultura do Município de São Paulo, falando-lhe da poetisa e pedindo-lhe que a recebesse:

Mário de Andrade: (...)

Faço hoje uma violência às minhas possibilidades para lhe dizer o seguinte: deve ter chegado ontem à noite, a São Paulo, a grande poetisa chilena Gabriela Mistral. Ela é uma poetisa deveras notável, não pelo que mais se conhece e celebra – o *Desolación*, que já conta uns 15 anos, – mas pelos belíssimos inéditos que, neste momento, já são quase livro.

Entre as pessoas que lhe recomendei visitar em S. Paulo figura V. logo na primeira linha. Creio que V.V. se entenderiam bem. Ela gosta de conversar literatura, teologia, indianismo (é uma espécie de missionária lírica...), e outras coisas que V. logo perceberá. Não se deixe levar pela primeira impressão: procure compreendê-la com paciência e carinho. Ela é bastante surpreendente. Ademais, é uma grande amiga das crianças – ficará encantada com os Parques.

Poetisa, professora, cônsul, representante do Chile na S. D. N. e mulher de um generoso coração já bem sofrido, creio ser para V. agradável conhecê-la. (...)

Bem tua amiga

Cecília Meireles<sup>12</sup>

A carta de Cecília não chegou a tempo, mas o encontro realizou-se de toda maneira. Mário de Andrade esculpiu seu encantamento pela escritora chilena num artigo publicado por *O Estado de S. Paulo* em princípios de 1940:

Os jornais anunciaram que foi proposto o nome de Gabriela Mistral para o prêmio Nobel de literatura. Ao mesmo tempo começa-se a cochichar com felicidade aqui no Rio que brevemente a admirável chilena virá residir em Niterói (...).

Conheci Gabriela Mistral já em plena maturidade, macia e lenta. Foi em 1927, quando ela, nos seus inquietos caminhos, passou por São Paulo em busca... em busca de que, meu Deus!... Talvez ainda e sempre naquela errante procura dos heróis, dos seres intensamente humanos que se irmanassem com ela. Mas já Gabriela Mistral, se não se desiludira propriamente, acalmara seus ímpetos ideais. Sabia se esquecer de si mesma e disfarçar os seus tumultos numa complacência veludosa que ela conseguia principalmente pelo emprego da lentidão. Emanava dela, dos seus gestos, dos seus assuntos, uma experiência misteriosa, muito mais velha que ela, que parecia transcender a sua própria existência. Vinha-nos dela um som antigo. Tendo como ninguém o instinto de

ensinar, acostumada a ensinar por hábitos passados, em pouco tempo nós parecíamos, a seu lado, umas crianças. Talvez crianças perigosas... Mas Gabriela Mistral sempre viveu na proximidade dos perigos, e isso transparecia aliás, como fogachos breves, nesse rescaldo de incêndio acalmado, que era sua intensa lentidão. (...)

É a inteligência feminina mais exata, mais sincera que jamais conheci. (...) Ela me dava a impressão de uma força das antigas civilizações asiáticas ou americanas, que já tivessem abandonado os terrenos áridos da cultura, pelo da sabedoria. (...)

Bem lhe valeria o prêmio Nobel, como complemento de uma vida de sofrimento menos pessoal que humano. E melhor para nossa ambição nos seria que ela viesse habitar conosco estas praias graciosas de Niterói. (...)<sup>13</sup>

Promovida a cônsul geral do Chile no Brasil, Gabriela Mistral transferiu-se de Niterói para Petrópolis, onde viveu anos difíceis da vida pessoal, até seu embarque para Estocolmo, onde receberia o Nobel da Literatura em 10 de dezembro de 1945.<sup>14</sup> Movimentada, a casa da poetisa foi freqüentada por intelectuais e artistas brasileiros, entre os quais Cecília Meireles, escritora, tradutora, educadora, crítica de literatura infantil e uma das articulistas da revista *Festa*, com a qual Mistral chegou a colaborar.<sup>15</sup>

#### *Cecília Meireles e Alfonso Reyes: afinidades literárias e formação de leitores*

O discurso proferido por Alfonso Reyes, em meados de abril de 1932, a um grupo de estudantes no teatro João Caetano, repercutiu na coluna assinada por Cecília Meireles no *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro.

Cecília retomou a afirmação feita por Reyes de que “os intelectuais latino-americanos nem se conhecem nem se lêem”, e destacou o esforço que vinha sendo empreendido pelo escritor para promover a sua aproximação.<sup>16</sup> Que motivos levavam a poetisa a lamentar a distância e o desconhecimento mútuo e a celebrar as oportunidades de diálogo?

Em carta de 5 de maio de 1932, Meireles confidenciou a Reyes: “Creio que o México pode ser um foco de projeção de muitas ansiedades modernas sobre a América Latina: e com um prestígio que a Europa e os Estados Unidos talvez não consigam ter, neste momento”.<sup>17</sup> Pois, como explicitara em correspondência anterior, de março de 1931, “a sua terra admirável... é, para mim, um exemplo e uma inspiração, nesta hora de transformações da humanidade. De desejos de transformações, pelo menos...”.<sup>18</sup>

Em um primeiro plano, a identificação de Cecília Meireles com Alfonso Reyes situava-se na esfera literária. De acordo com Fred P. Ellison, em cartas ou em colunas jornalísticas, Cecília teceu comentários sobre obras do escritor mexicano, como *Testimonio de Juan Peña*, *La caída*, *Romances del Río de Enero* e *Discurso por Virgilio*.

A poesia de Reyes brotava das matrizes parnasianas, simbolistas e da síntese inovadora forjada pelo poeta Ruben Darío.

Na apreciação de Manuel Bandeira, outro interlocutor caro a Reyes no Brasil e também ele um admirador de Ruben Darío, a obra do poeta nicaraguense foi, entre nós, uma referência para os escritores da década que precedeu o movimento modernista da Semana de 1922. Entre eles, Tasso da Silveira e Murilo Araújo, Ronald de Carvalho, Álvaro Moreira, Ribeiro Couto e Felipe D'Oliveira.

Esses últimos eram membros da geração *Fon-Fon*, que na Belle Époque reunia intelectuais da vanguarda carioca admiradora do simbolismo. Em agosto de 1933, viriam a fundar, no Cosme Velho, uma Sociedade de Letras em homenagem ao recém-falecido Felipe d'Oliveira, da qual Reyes se tornou único “sócio honorífico”.

Ainda em fins dos anos 1920, Cecília Meireles integrou, com, entre outros, Tasso da Silveira e Murilo Araújo, o grupo produtor da revista *Festa*, expressão, de acordo com Angela de Castro Gomes, de uma vertente alternativa do modernismo brasileiro.

O projeto estético-político de *Festa* (...) [aspira] ser moderno e nacionalista, mas de forma distinta de outros nacionalismos modernistas e, em especial, dos paulistas. Estes, sobretudo na versão da antropofagia, são considerados muito radicais e tão-somente destruidores. São pouco sérios e por demais materialistas, derivando dos naturalistas e realistas do século XIX. Por contraste, o grupo Festa assume o espiritualismo e o universalismo na arte, não renegando o epíteto de novos simbolistas e procurando capitalizar a tradição que vinha do romantismo. Nacionalistas – leitores-admiradores de Alberto Torres e Euclides da Cunha – e universalistas; subjetivistas que, sob sugestão de Proust, trabalhavam o objetivismo; modernos e tradicionalistas; enfim, “modernistas espiritualistas”, como se designavam para marcar o seu espaço.<sup>19</sup>

Na visão de Cecília Meireles, esses traços estavam também presentes na obra de Alfonso Reyes. Ao comentar *Discurso por Virgílio* em artigo do *Diário de Notícias*, Cecília elogiou no autor, entre outros aspectos, a capacidade para conciliar, “num equilíbrio verdadeiramente clássico, uma inquietude muito atual de idéias e um gosto muito tranqüilo do passado”.<sup>20</sup>

Num segundo plano, a identificação de Cecília Meireles com Alfonso Reyes situava-se na esfera educacional. No México pós-revolucionário vinham se desenvolvendo políticas educacionais afinadas com concepções da chamada Escola Nova, que os “pioneiros da educação”, grupo a que a poetisa havia se ligado, procuravam introduzir no Brasil. Na visão de Meireles, como os pioneiros signatários do conhecido *Manifesto de 1932*, Reyes defendia uma escola moderna, gratuita e leiga, capaz de formar “novos homens”. Homens “preparados para improvisar”, como ele escreveu no início dos anos 1920 dirigindo-se a

José Vasconcelos, então Secretário de Educação Pública do México, fazendo ecoar fundamentos da educação progressiva de John Dewey.<sup>21</sup>

As correntes pedagógicas renovadoras desses anos confluíam para o princípio da educação *integral*, o qual, para além do currículo escolar, valorizava a literatura como meio de formação da criança. Assim, as reformas educacionais levadas a cabo no Brasil e no México previam a difusão das bibliotecas escolares ou infantis, para que concorressem, “agindo em solidariedade com outros aparelhos educativos e com o meio social”, para a criação de “homens novos” e de um país moderno.

Durante a gestão de Anísio Teixeira como Diretor de Instrução Pública do Distrito Federal, Meireles foi designada para o Instituto de Pesquisas Educacionais. Pouco tempo depois, organizava, com a colaboração do escritor Alfonso Reyes, uma Biblioteca Popular Infantil.<sup>22</sup> Em diferentes artigos e conferências, Reyes dissertou sobre a importância das bibliotecas na formação dos jovens:

[...] Se a Biblioteca representa a forma estática de conservação e também a forma externa, a Escola trata de enxertar no ser vivo todo o acervo literário. (...)

Pois esta incorporação viva da memória, que permite mobilizar a qualquer instante e ao longo da existência das espécies todo conhecimento transmitido, é o fundamento de toda educação e todo humanismo.<sup>23</sup>

Além disso, refletiu sobre os sentidos da literatura infantil, a qual, a seu ver, “lavra na plástica matéria infantil a estátua do homem equilibrado”.<sup>24</sup> A biblioteca criada por Cecília abriu suas portas na avenida Beira Mar, na enseada do Botafogo, em agosto de 1934. Experiência pioneira no Brasil, foi concebida como local de encantamento e de pesquisa. Para a formação do acervo, contou com repasses de instituições públicas e doações de particulares como, entre outros, Alfonso Reyes.<sup>25</sup>

Cecília Meireles esperava partilhar com o amigo outro projeto, relativo à publicação de livros ibero-americanos para as crianças.<sup>26</sup> Embora o projeto não tenha se concretizado, indica como literatura, educação, promoção da leitura e ação editorial se entrelaçavam nos diálogos culturais travados por Reyes e Meireles, alentados pelo desejo de conhecimento e aproximação da América Latina.

Entretanto, nem todos os caminhos estavam franqueados às novas concepções de mediação cultural. Em outubro de 1937, a Biblioteca Infantil do Botafogo foi invadida e fechada por ordem do interventor do Distrito Federal, com a justificativa de que mantinha seu acervo um livro de “conotações comunistas” – *As aventuras de Tom Sawyer*, de Mark Twain, traduzido por Monteiro Lobato e publicado pela Companhia Editora Nacional.

*Monteiro Lobato e o mercado editorial hispano-americano*

Como editor pioneiro no Brasil, dono da *Revista do Brasil* entre 1918 e 1925, autor de inúmeros artigos e obras literárias para adultos e crianças, Monteiro Lobato manifestou, em diversos sentidos, disposição para abarcar em seus projetos a América Latina, em particular a Argentina. Em contrapartida, escritores, editores, críticos literários e leitores daquele país interessaram-se pelo autor e sua obra e, por meio disso, pelo diálogo com a literatura e a cultura brasileiras.<sup>27</sup>

Uma primeira dimensão desse intercâmbio foi a troca de correspondências entre Lobato e diversos escritores radicados na Argentina. Manuel Gálvez, por exemplo, manifestou, em carta de agosto de 1919, admiração pela obra de Lobato e interesse em conhecer melhor a literatura brasileira:

Meu estimado colega:

Estou lendo *Urupês*, que me interessa e seduz de uma maneira excepcional. (...) Você é um escritor de uma rara força de estilo. Quando terminar seu livro lhe darei minha sincera opinião.

Agrada-me muito estabelecer um contato com você. Conheço a revista que você dirige, e mais de uma vez pensei em lhe mandar meus livros.

A literatura brasileira me interessa enormemente (...). Creio, com toda sinceridade, que vocês têm uma literatura superior à nossa. (...) Seria muito incômodo enviar-me uma pequena lista, 20 nomes no máximo, do que mais se sobressai dentro da pura literatura? E já que estamos neste terreno, por que você não escreve um artigo sobre a atual literatura brasileira e me envia para *Nosotros*? (...)

De minha parte, posso escrever para você (...) um artigo sobre a literatura argentina do momento para a *Revista do Brasil*. Parece-me lamentável que nossos países não se conheçam, e nós escritores devemos fazer algo em prol da aproximação e conhecimento entre ambos os povos.

Em *Urupês* há vários contos que poderiam ser traduzidos e publicados na *La Novela Semanal* ou na *La Novela del Día*. (...)

Cordial *saludo* do seu amigo e colega,

Manuel Gálvez hijo<sup>28</sup>

A *Revista do Brasil*, dirigida por Lobato ao longo de sete anos, com o fim de promover a aproximação de seus leitores para com o universo cultural argentino, procurava acompanhar a produção literária daquele país, ao mesmo tempo em que avaliava como lá repercutiam as obras brasileiras. À época do centenário da independência do Brasil, a revista publicou notas sobre as homenagens que diversas instituições argentinas fizeram ao país e, por iniciativa de seu representante em Buenos Aires, Sanchez-Sáez, propôs a

realização de um “inquerito literário”, que visava averiguar o que os escritores sul-americanos conheciam “do Brasil mental”.<sup>29</sup>

O empenho em intensificar as relações culturais entre Argentina e Brasil também envolveu o campo da literatura infantil. A publicação, com grande êxito, da obra infantil de Monteiro Lobato no país vizinho, foi, ao que parece, a mais forte expressão desse diálogo.<sup>30</sup>

Para Lobato, a edição de sua obra na Argentina era estratégica, já que aquele país constituía o grande distribuidor de livros para toda a América Hispânica. *D. Quixote das crianças* foi lançado em espanhol em 1938, pela editora Claridad de Buenos Aires; a partir de 1944, o também portenho Editorial Americalee publicou, com sucessivas reimpressões, o conjunto da obra infantil do escritor, em 23 volumes.<sup>31</sup> O prólogo de *Urupés: cuentos brasileños*, edição de El Ateneo de 1947, afirmava:

Ao lado desses livros para adultos Monteiro Lobato foi, com intermitência, produzindo livros para crianças (...) todos já traduzidos e publicados na Argentina (...). Com esses livros Monteiro Lobato criou não só a literatura infantil brasileira mas a latino-americana – isto no conceito unânime da crítica.<sup>32</sup>

Atraído pelos vínculos editoriais e afetivos que fora construindo, desde a época da *Revista do Brasil*, com editores e escritores da nação vizinha, Lobato mudou-se para Buenos Aires em junho de 1946, onde viveu até maio de 1947. Ao lado de uma vida social intensa, fruto de seu sucesso entre os argentinos e da notória boemia portenha, ele revisou traduções de seus livros pela Americalee, traduziu livros para o português, escreveu novos textos e fundou, em sociedade com outros, a editora Acteon.<sup>33</sup>

Durante sua estadia em Buenos Aires, Artur Neves, responsável pela edição das obras completas do autor pela editora Brasiliense, manteve com ele correspondência assídua. Em suas cartas, Neves discutia as impressões sobre o mercado editorial argentino – referência obrigatória para o mercado editorial brasileiro – que Lobato lhe transmitia.

Recebi ontem a sua (carta) de 19 e fiquei satisfeito ao verificar que o seu entusiasmo pela Argentina está se justificando plenamente. Sonhei com a tal editora que vende 700.000 pesos por mês e com as duzentas outras que encontram jeito de assentar as raízes e crescer no humus fecundo do idioma de Castela. É pois com natural sentimento de inferioridade e com certo acanhamento que passo a dar notícias das nossas reduzidíssimas atividades editoriais, sempre emperradas pela falta de mercado, dificuldades tipográficas e outros fatores que você conhece de sobra. (...) <sup>34</sup>

O mal é que você está agora numa posição que prejudica o seu julgamento em tudo o que se refere às nossas atividades. De fato, tendo pela frente o progresso da indústria

editorial argentina, a sua eficiência e capacidade de produção, você está hoje na posição de dono de um Cadillac que olha com desprezo um carrinho Ford, de muito barulho e pouca velocidade. Editorialmente a Brasiliense é ainda um Fordinho de “bigode”, mas um fordinho bem dirigido e com roteiro de viagem previamente estabelecido. (...) Um grande abraço do Artur<sup>35</sup>

Atento às estratégias comerciais das editoras argentinas, Neves solicitava que Lobato lhe enviasse “todo o material que a Losada utiliza na venda a crédito dos seus livros infantis. Sei que eles são muito sabidos e que o processo é bom (...)”.<sup>36</sup>

Animados por Lobato, seus sócios na Brasiliense começaram a discutir a idéia de fundar uma editora na Argentina, que alcançasse amplitude continental:

Caio (Prado Jr.) e eu estudamos detidamente o magnífico relatório que você mandou. É claro que aqui de longe a gente não pode fazer uma idéia precisa do negócio. Só mesmo a viagem projetada é que nos dará elementos para transformar em realidade o nosso sonho de uma editora de amplitude continental (discute algumas dificuldades e conclui...). Julgamos que o nosso negócio deverá começar mais modestamente, isto é, com a instalação pura e simples de uma casa editora, cujo fundo editorial seria constituído pelas suas obras e pela tradução de livros de escritores brasileiros e portugueses (Eça de Queiroz, Machado de Assis, Jorge Amado, Érico Veríssimo, Sra. L. Dupré, A. Azevedo etc. etc.). (...) Espero que sua permanência aí seja de proveito pessoal, e para nossos grandiosos projetos. Ainda seremos os big-shots da América Latina. E mesmo que isso não aconteça, vale a pena o sonho...<sup>37</sup>

De fato, o negócio não chegou a se concretizar e Lobato teve de buscar outros parceiros para fundar a sonhada editora. O escritor mostrava-se muito entusiasmado com a abertura do mercado argentino e, a partir dele, hispano-americano, para a sua obra.<sup>38</sup> Relatou ao amigo Godofredo Rangel, em carta de 14 de janeiro de 1947:

Publiquei um belo livro aqui, *Las hazañas de Hercules*, em volume de luxo, ao preço de 30 pesos – caríssimo. Em março sairá pela Ateneo minha coleção de contos, em volume de 600 páginas. (...) Quer dizer que teimo em subsistir literariamente, em expandir-me. Meus livros infantis já saíram todos cá – 14 só o ano passado. Bati um record. Vendem-se melhor no Peru, na Venezuela e no México que aqui. A Argentina só absorve 20 das edições. Os livros cá sofrem da tremenda concorrência dos grandes jornais e das revistas, que são muitas e ótimas.

(...) Chegado aqui, no meu segundo dia de Buenos Aires, o acaso me fez sentar num banco da Praça Lavalle. Voltando o rosto, vi uma pedra tosca ao pé do tronco. Nessa pedra uma chapa de bronze com letras fundidas. Eram as palavras de Sarmiento. Escre-

vi um conto a respeito e ganhei mil pesos. (...) Infelizmente não posso te mandar esse conto, porque vendi com exclusividade para o editor Jackson, para sair no *Tesouro da Juventude*.<sup>39</sup>

Impressionado com o êxito editorial da obra de Lobato no exterior, Artur Neves comentou:

Meu caro Lobato:

(...) Pela primeira, de 28, fiquei ciente das boas coisas que vêm acontecendo em torno de você e de sua obra. Novas edições, propaganda bem feita, boas perspectivas, etc., etc. Parece incrível que só fora do Brasil haja ambiente e “espaço vital” para o mais brasileiro dos nossos escritores. (...) <sup>40</sup>

Em Buenos Aires, Lobato também esteve atento a possibilidades de tradução do espanhol para o português que parecessem promissoras. De toda maneira, embora buscasse abraçar a Hispanoamérica em diversos empreendimentos culturais voltados ao público brasileiro, sua atuação mais marcante foi no sentido contrário: o de tornar sua obra conhecida na Argentina. Mesmo que tímido se comparado a leitões já fundos de circulação cultural, tratava-se de um impulso para que os imaginários latino-americanos experimentassem percorrer novos caminhos.

*Recebido em março/2006; aprovado em maio/2006.*

### Notas

\* Professora Doutora de História da América Independente do Departamento de História da FFLCH-USP. E-mail: gabriela.pellegrino@terra.com.br

<sup>1</sup> ZANETTI, S. “Modernidad y religación: una perspectiva continental (1880-1916)”. In. PIZARRO, A. (org.). *América Latina: palavra, literatura e cultura. Emancipação do discurso*. São Paulo/Campinas, Memorial/Unicamp, 1995, v. 2, p. 529.

<sup>2</sup> Ibid., p. 533.

<sup>3</sup> Ibid., p. 525-526.

<sup>4</sup> Referência ao debate em torno do artigo publicado por Guillermo de Torre, “Madri: meridiano intelectual da América Hispânica”, em 1927. Ver SCHWARTZ, J. *Vanguardas latino-americanas: polêmicas, manifestos e textos críticos*. São Paulo, Edusp/Iluminuras/Fapesp, 1995, pp. 519-528.

<sup>5</sup> Um primoroso estudo sobre o tema é a obra de SCHWARTZ, op. cit.

<sup>6</sup> Cf. CHAND LAL, P. *Reconstruction and Education in Rural India. In the light of the programme carried on at Skinéketan, the Institute of Rural Reconstruction founded by Rabindranath Tagore*. Londres, George Allen and Unwin, 1932, e WILSON, A. N. *Tolstoy*. Londres, Penguin, 2001.

<sup>7</sup> TEITELBOIM, V. *Gabriela Mistral pública y secreta*. Santiago de Chile, Ediciones BAT, 1991, p. 148.

<sup>8</sup> Gabriela Mistral passou uma temporada na casa de Victoria Ocampo, em Mar del Plata. Em 1953, a poetisa intercederia junto ao presidente Juan D. Perón pela libertação de Ocampo.

<sup>9</sup> Mistral mencionou o convite em carta de 19 de dezembro de 1919 a Maximiliano Salas Marchán. Cf. TEITELBOIM, op. cit., p.112.

<sup>10</sup> MISTRAL, G. Biblioteca y escuela. *Revista de Educación*. Publicación Oficial de la Dirección General de Escuelas de la Provincia de Buenos Aires (La Plata), año XC, n. 1, pp. 72-80, enero 1949.

<sup>11</sup> Id. “Madrinas de la lectura”. In. *Magisterio y niño. Selección de prosas y prologo de Roque Esteban Scarpa*. Santiago, Ed. Andrés Bello, 1979, pp. 98-100 (artigo publicado em 1926).

<sup>12</sup> MEIRELES, C. *Cecília e Mário*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1996, pp. 291-292. Pouco depois, voltou a lhe escrever: “Rio, 30 de novembro de 1937. Mário de Andrade: muito obrigada pela sua cartinha. Fiz tudo para que aquele cartão meu chegasse aí depressa, a fim de dar tempo ao *Clã Jabuti* para se arrumar e receber Gabriela. Escrevi também à Maria Aparecida, pensando nos Parques Infantis. Pelo que vejo, o correio não fez caso a indicação *expressa* dos selos. Mas o seu disciplinado clã também não precisou de mim para nada, e tudo se cumpriu com esta perfeição que eu só encontro no paradoxal e no desencontrado. Gabriela ainda não me escreveu. Digo comigo: ‘É a ‘pussanga’ do Mário...’ Eu não sei se vocês, os paulistas, se parecem com os argentinos. Por mim, gosto bem de São Paulo e tenho na Argentina alguns amigos excelentes. Gostei de saber que se tinha entendido bem com a Gabriela. A estas horas já lhe deve ter dado alguns cursos de teologia e outros tantos de indianismo. Conte-me os seus triunfos...” Ibid., pp. 292-293.

<sup>13</sup> ANDRADE, M. *Vida literária*. São Paulo, Hucitec/Edusp, 1993, pp. 162-165 (publicado originalmente em *O Estado de S. Paulo*, em 17 de março de 1940).

<sup>14</sup> Suicidaram-se Stefan Zweig e a mulher, seus companheiros dos serões cariocas, e o filho adotivo de Mistral.

<sup>15</sup> Há notícias, segundo Valéria Lamego, de correspondências entre elas. Ver “Crônicas de uma vida. Dossiê: Cecília Meireles, cem anos”. *Cult*. Revista Brasileira de Literatura. São Paulo, ano V, out. de 2001, p. 48. *Festa*, revista de arte e pensamento, 2ª. fase. Ano I, n. 7, mar. de 1935. Antes de criarem *Festa*, Andrade Muricy e Tasso da Silveira haviam lançado outras revistas, de vida curta. Entre elas, *América Latina*, que totalizou seis números e foi publicada de agosto de 1919 a fevereiro de 1920. No n. 6 havia um artigo de Tasso da Silveira sobre José Henrique Rodó. Cf. GOMES, A. C. *Essa gente do Rio...: modernismo e nacionalismo*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 1999, pp. 47-48.

<sup>16</sup> ELLISON, F. P. *Alfonso Reyes e o Brasil: um mexicano entre os cariocas*. Rio de Janeiro, Consulado General de México, Topbooks, 2002, pp. 112.

<sup>17</sup> Ibid., p. 113.

<sup>18</sup> Ibid., p. 111.

<sup>19</sup> GOMES, A. de C. *Essa gente do Rio... Modernismo e Nacionalismo*. Rio de Janeiro, FGV, 1999, p. 60. O projeto gráfico da revista foi desenvolvido na casa de Correia Dias e de Cecília Meireles. Segundo Angela de C. Gomes, “o tempo de *Festa* teria duas fases, sendo a primeira mais longa e significativa que a segunda. Ela circularia de agosto de 1927 a janeiro de 1929, com o subtítulo Mensário de arte e pensamento, perfazendo 13 números (...). A outra *Festa*: Revista de Arte e Pensamento, só alcançou nove números, tendo sido publicada de julho de 1934 a agosto de 1935”. Ibid., p. 56.

<sup>20</sup> Artigo de 18/8/1931. *Crônicas de educação*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira/Fundação Biblioteca Nacional, 2001. 5v.

<sup>21</sup> O mencionado texto de Reyes, intitulado “La improvisación”, foi originalmente incluído no livro *Ca-*

lendário (1924). In: REYES TRIGOS, C. *Alfonso Reyes y la educación*. México, Secretaría de Educación Pública/El Caballito, 1987, pp. 80-82.

<sup>22</sup> A iniciativa de fundar a Biblioteca Infantil do Distrito Federal surgira em continuidade à política de criação de bibliotecas implementada durante a gestão de Anísio Teixeira à frente do Departamento de Educação do Distrito Federal. Oficialmente, foi criada em 16 de abril de 1934, nos termos do artigo 2º, inciso I, do Decreto nº. 4.387, de 8 de setembro de 1933, que dispôs sobre a Divisão de Bibliotecas e Cinema Educativo.

<sup>23</sup> REYES, A. La Biblioteca y la escuela, fragmento do artigo “Génesis de la crítica”, originalmente incluído em *Al Yunque* (1960). In: REYES TRIGOS, op. cit., pp. 147-150.

<sup>24</sup> REYES, A. Prólogo a Antoniorrobles para su libro *Se comió el lobo a Capercucita?* México, Editorial América, 1942. In: REYES TRIGOS, op. cit., pp. 165-166.

<sup>25</sup> Cf. PIMENTA, J. “Leitura e encantamento: a Biblioteca Infantil do Pavilhão Mourisco”. In: NEVES, M. de S.; LOBO, Y. L. e MIGNOT, A. C. V. *Cecília Meireles: a poética da educação*. Rio de Janeiro, Ed. PUC-Rio/Loyola, 2001, p. 106.

<sup>26</sup> Carta de Cecília Meireles a Alfonso Reyes, 12 de setembro de 1934. Cf. ELLISON, op. cit., p. 119.

<sup>27</sup> As relações literárias e culturais entre as sociedades latino-americanas vêm sendo analisadas especialmente por teóricos da Literatura Comparada. Ana Pizarro, Ángel Rama e Antônio Candido, entre outros, sublinharam a importância de se enfocarem as produções literárias dos países latino-americanos em três diferentes níveis: o das relações entre elas (entre esses países); o das relações com a Europa ocidental; e o da heterogeneidade existente em âmbito nacional. As reflexões desses teóricos apontam, de um lado, para a relevância da comparação entre a literatura de cada um desses países e, de outro, para o reconhecimento das fronteiras culturais comuns que os envolvem, assim como dos diálogos e articulações que se estabelecem entre eles. É bem verdade, como constatou Pedro Henríquez Ureña, que o intercâmbio das leituras hispânicas e brasileiras foi sempre muito limitado e seu desenvolvimento, sobretudo “a partir do século XVIII e mais intensamente a partir da independência, seguiu trilhas diversas”. Entretanto, o autor concebe a existência de um campo cultural comum, que permite unificar a interpretação desses universos de produção literária. Além disso, como propôs Ángel Rama, o pensamento hispano-americano construiu, “a partir da segunda metade do século XIX, um novo conceito integrador da cultura, que não pararia de se fortalecer com as transformações ulteriores e que se definia com a bandeira do ‘latinoamericanismo’”. Cf. NITRINI, S. *Literatura comparada: história, teoria e crítica*. São Paulo, Edusp, 1997, cap. “O comparatismo latino-americano”, pp. 63-89. Os esforços dos críticos literários para valorizar as relações entre os países que integram a América Latina abriram uma senda que não pode ser ignorada pelos historiadores. A historiografia latino-americana tende a valorizar, no âmbito da produção e circulação cultural, os intercâmbios que se deram com a Europa e, no século XX, também com os Estados Unidos. Sobre as inter-relações entre países latino-americanos, privilegiam-se, via de regra, as questões políticas, referidas a movimentos e ideologias que se espalharam para territórios vizinhos. Se, como constatou Henríquez Ureña, o intercâmbio entre o Brasil e a América Hispânica foi limitado no que diz respeito à crítica e à intertextualidade literária, cabe ao historiador indagar sobre a circulação que obras de autores latino-americanos alcançaram nos países vizinhos, assim como os significados culturais de sua recepção por aqueles públicos de leitores, de ouvintes e de espectadores.

Ver também RAMA, A. Processes of transculturation in Latin American narrative. *Journal of Latin American Studies* (UK), v. 6, n. 2, pp. 155-171, nov. 1997.

<sup>28</sup> Carta de Manuel Gálvez a Monteiro Lobato, Buenos Aires, 13 de agosto de 1919, original.

<sup>29</sup> SANCHEZ-SAEZ. Brasil e Argentina. *Revista do Brasil*, n. 77, ano VII, v. XX, maio de 1922, pp. 168-169. Nas décadas seguintes, de 1930 a 1950, diversas obras brasileiras foram traduzidas e publicadas na Argentina, e vice-versa. As motivações institucionais e comerciais dessas iniciativas foram analisadas por Adriana Silvina Pagano em “Políticas de interação cultural na América Latina: a tradução no diálogo Brasil-

Argentina”. In: MACIEL, M. E. et alii. *América em movimento: ensaios sobre literatura latino-americana do século XX*. Rio de Janeiro, Sette Letras, 1999, pp. 15-32.

<sup>30</sup> Catálogo das Obras Completas de Monteiro Lobato editadas pela Brasiliense, provavelmente de dezembro de 1948, anunciava que “com base em documento oficial e autenticado fornecido pela CEN, a editora de Monteiro Lobato até o dia em que o grande escritor assinou contrato com a Brasiliense, suas tiragens estavam, em junho de 1945, em 1.521.000 exemplares, sendo, para adultos, praticamente só os contos, 211.000, e para as crianças, 1.310.000. A Brasiliense, por sua vez, publicou, até dezembro de 1948, um total de 500.000 exemplares das obras de Monteiro Lobato. As tiragens dos livros do grande escritor brasileiro atingem, pois, em nosso país, até a presente data, o total de 2 milhões de exemplares! Isso sem contar as tiragens em espanhol, feitas na Argentina! Todos os livros de Lobato que saem no Brasil são publicados na Argentina, a grande distribuidora de seus livros para toda a América Espanhola”. Em 1944, a editora Americana, de Buenos Aires, já havia traduzido 23 títulos infantis do escritor, dispostos em capa dura e com graciosas ilustrações de Silvio Baldessari. Ao prestar contas ao escritor em novembro de 1946, a editora afirmou ter vendido 84 mil exemplares de 24 títulos seus, o que correspondia a 33.600 pesos em direitos autorais. Um de seus tradutores para o espanhol foi Ramon Prieto, também seu sócio na editora que Lobato fundou em Buenos Aires.

<sup>31</sup> Em 1946, realizou-se em Buenos Aires a “Semana Monteiro Lobato”, na loja de departamentos Harrods, com exposição de seus livros, cartazes, bonecos e representação de comédias extraídas dos livros. Paralelamente, a embaixada do Brasil na Argentina promoveu uma “Exposição do Livro Brasileiro”, em que foi exposta a obra do autor.

<sup>32</sup> LOBATO, M. *Urupês: cuentos brasileiros*. Buenos Aires, El Ateneo, 1947, pp. 7-9.

<sup>33</sup> Ao tomar conhecimento do Plano Quinquenal de Perón, Lobato, entusiasmado com o modelo de planejamento global implementado, escreveu *La nueva Argentina*, com pseudônimo de Miguel P. Garcia. Dirigida ao público jovem, a obra foi lançada em edição de três mil exemplares pela Acteon. Tinha como fio condutor a conversa entre Don Justo Saavedra e seus filhos Sancho e Pablo, sobre o processo político em curso no país. O livro fez sucesso e o Conselho de Educação da Província de Buenos Aires sugeriu ao governo contratar uma tiragem de 150 mil exemplares para distribuição gratuita nas escolas argentinas, o que valeu a Lobato acusações de jornalistas brasileiros de ter se vendido ao peronismo. A Acteon foi fundada em 3 de outubro de 1946. Sobre a boa acolhida que Lobato recebeu durante sua estadia em Buenos Aires, ver JOFRE BARROSO, H. *Monteiro Lobato*. Buenos Aires, Futuro, 1959.

<sup>34</sup> Carta de Artur Neves a Monteiro Lobato, em papel timbrado da editora Brasiliense. São Paulo, 25 de junho de 1946, original.

<sup>35</sup> Id. São Paulo, 10 de setembro de 1946, original.

<sup>36</sup> Ibid.

<sup>37</sup> Id. São Paulo, 25 de julho de 1946, original.

<sup>38</sup> O autor já começava a esboçar planos voltados especialmente àquele mercado, de modo que seu editor no Brasil precisava estar atento: “Numa carta que você me escreveu logo que chegou em Buenos Aires, havia referência ao plano de uma revista infantil - Emilia. Em que pé está o negócio? Seria interessante publicarmos aí e aqui ao mesmo tempo” (Carta de Artur Neves a Monteiro Lobato, em papel timbrado da Livraria Monteiro Lobato, São Paulo, 2 de novembro de 1946, original).

<sup>39</sup> Carta de Monteiro Lobato a Godofredo Rangel, Buenos Aires, 14 de janeiro de 1947, original.

<sup>40</sup> Carta de Artur Neves a Monteiro Lobato, em papel timbrado da Brasiliense, São Paulo, 23 de agosto de 1946, original.